



ENCONTRO  
COM A CIÊNCIA  
E TECNOLOGIA  
EM PORTUGAL

8 - 10 JULHO 2019  
Centro de Congressos de Lisboa

CECH  
CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
CRIADO EM 1967

Unidade de I&D financiada por  
**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia  
Projeto UID/ELT/00196/2013

# Humanismo e pluralidade de culturas : a função do tradutor/leitor segundo Paul Ricoeur

**ADELAIDE GREGORIO FINS**

Universidade de Coimbra - CECH

Lettres Sorbonne Université, ED 433, UMR 8012

# **Como construir uma unidade plural do discurso humano?**

Pretende-se com esta comunicação mostrar em que medida o conceito de tradução constitui um objeto privilegiado de reflexão para a educação das nossas sociedades na Europa e no mundo. De fato, da Antiguidade greco-latina, que nos permitiu ultrapassar as fronteiras linguísticas, ao século 21, a nossa civilização ocidental seria inconcebível sem o exercício quotidiano de tradução, indispensável a todos os domínios (ensino, imprensa, laboratórios científicos e tecnológicos, técnicas de dobragem de filmes, etc).

Sendo a tradução o pilar da cultura, o nosso objetivo será identificar de que forma ela permite a partilha da herança humanista desde o edifício das humanidades clássicas, às humanidades científicas ou modernas, até às humanidades digitais, fazendo reaparecer a necessidade de uma educação à maneira anglo-saxônica das *humanities* : um polo pluridisciplinar que articula o ensino das letras (clássicas e modernas), das línguas, das ciências, das artes e da filosofia, permitindo adquirir conhecimentos e atitudes éticas necessárias ao projeto da mundialização.

Pensamos que a educação deve ser o horizonte básico da formação ética do ser humano, e é nesse sentido que interrogamos aqui a questão da tradução que aborda importantes questões éticas: traduzir é acolher uma outra língua e cultura (estrangeira) na nossa língua e cultura materna, por outro lado, é também fazer a experiência do exílio, sendo o si-mesmo um estrangeiro.

Uma prática de **hospitalidade da linguagem** que o filósofo e hermeneuta Paul Ricoeur reconhece na paradoxal função do tradutor, nomeadamente a partir de três obras : *Sobre a tradução* (2004), *O justo 2* (2001), *Tempo e Narrativa* (1983-85), segundo a ordem dos três paradigmas : tradução, texto e símbolo (mito de Babel).

# Paul Ricoeur, *Sobre a tradução* (2004)

Ricœur analisa aqui o fenómeno da tradução a partir de uma perspectiva filosófico-literária, procurando refletir sobre a relação ética da hospitalidade linguística.



O livro *Sobre a tradução comporta* três textos:

- *O desafio e a felicidade da tradução* (1997),
- *O paradigma da tradução* (1998),
- *Uma 'passagem': traduzindo o intraduzível* (2004).

O primeiro texto, afirma que devemos renunciar ao ideal da tradução perfeita; o segundo texto esclarece o paradoxo da hospitalidade linguística, e o último texto evoca a grandeza e o risco da tradução.

Ricœur questiona aqui os problemas de tradução e a frágil função do tradutor / leitor.

A prática criativa da tradução, assim como os seus riscos, implicam uma reflexão sobre a diversidade de línguas e culturas; sabemos que este projeto para a tradução do património linguístico e cultural suscitou um grande número de problemas e conduziu a uma abundante literatura, em especial por Antoine Berman, Walter Benjamin e George Steiner.



Ricœur convoca as teorias do “depois de Babel” destes autores para nos ajudar a sair dos dilemas da tradução: retranscrever identicamente (fidelidade) ou conferir um novo significado (traição)?

O filósofo questiona o paradigma da tradução através da ética da hospitalidade: traduzir consiste num trabalho de criação pela linguagem que permite "construir comparáveis", por outro lado, o trabalho da tradução implica a experiência do exílio e a noção de luto, na medida em que o tradutor deve renunciar à tradução perfeita.

O filósofo fornece a resposta para todas essas grandes questões que cruzam a tradução da Antiguidade ao pensamento contemporâneo:

“Parece-me, de fato, que a prática da tradução não implica apenas trabalho intelectual e teórico, mas também um problema ético. Levar o leitor ao autor, levar o autor ao leitor, com risco de servir e trair dois mestres é praticar o que eu gosto de chamar de hospitalidade linguística.”

Assim, a tarefa do tradutor não consiste apenas na passagem e no deslocamento de palavras, frases, textos e culturas, mas sim no que Ricoeur chama de “hospitalidade linguística”, a única que pode servir de modelo para outras formas de hospitalidade:

“O prazer de habitar a linguagem do outro é compensado pelo prazer de receber a palavra do estranho na nossa própria casa.”

Neste sentido, o exercício de tradução é o único capaz de libertar os seres humanos do discurso imposto e pré-construído, para que possam desenvolver a capacidade de pensar, de imaginar e de reconstruir sempre um mundo comum.

Concluindo, diremos que o objetivo da nossa reflexão foi entender a tradução como uma arte de diálogo entre diferentes idiomas e culturas. E é o horizonte da hermenêutica filosófica de Ricoeur que traça um fenómeno de compreensão, interpretação e hospitalidade do outro, com suas diferenças; um trabalho de memória e uma forma de responsabilidade face aos conflitos de identidade, que acompanham a reflexão sobre o futuro das nossas sociedades e da educação das humanidades.